



Recicladores/as de histórias, catadores/as de sorrisos

Daiana Schwengber¹

Delmar Bizani²

Maria de Lourdes Borges³

Jáder da Cruz Cardoso⁴

Resumo: O artigo tem por objetivo compartilhar a experiência da organização de uma exposição fotográfica realizada com catadores/as de resíduos sólidos da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. As pessoas em geral não conhecem o trabalho realizado pelo catador/a e também não associa a sua atividade como algo digno, que gere renda e que possibilite qualidade de vida e inclusão social. Os/As catadores/as são sujeitos invisibilizados pela sociedade e estigmatizados pelo trabalho que realizam com o 'lixo'. Para a organização da exposição, convidou-se um fotógrafo voluntário que registrou o trabalho realizado em quatro cooperativas de reciclagem pós-consumo. Com as imagens selecionadas pela equipe a exposição foi constituída. O sucesso com o público, evidenciado por meio do número e da reação dos visitantes, da aprovação dos/as catadores/as, bem como a sua apresentação em diversos espaços como empresas, escolas e eventos, podem ser indicativos do resultado positivo da exposição.

Palavras chave: Catador; Reciclagem; Economia Solidária; Exposição Fotográfica.

Stories recycleres, smiles pickers

Abstract: The article aims to share the experience of holding a photographic exhibition held with solid waste collectors in the metropolitan region of Porto Alegre, RS. People generally do not know the work of the pickers and also does not associate your activity as something worthy, which generates income and that allows the quality of life and social inclusion. The pickers are people rendered invisible by society and stigmatized for their work with 'waste'. For the organization of the exhibition was invited a volunteer photographer who took photos in four post-consumer recycling cooperatives. The exposure was made with the images selected by the authors. The success with the public, evidenced by the number and the reaction of visitors, the approval of the pickers as well as their presentation in various spaces such as businesses, schools, and events, may be indicative of the positive outcome of the exposition.

Keywords: Solid Waste Collectors; Recycling; Solidary Economy; Photographic Exhibition.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Bolsista CAPES Prosuc. Especialista em Psicopedagogia, Mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano e Graduada em Ciências Biológicas (Unilasalle).

² Doutor e Mestre em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas. Professor e pesquisador da FACCAT -Faculdades Integradas de Taquara.

³ Doutora e Mestre em Administração (UNISINOS). Especialista em Gestão de Pessoas. Psicóloga Organizacional. Professora do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

⁴ Doutor em Ciências (Saúde Pública) pelo departamento de epidemiologia da FSP/USP, Mestre em Biociências (Zoologia) e Graduado em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Biólogo e Sanitarista do Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS) e pesquisador da área de Ambiente e Saúde do INESC P&D Brasil.

Introdução

Este artigo é resultado da análise de exposição fotográfica realizada a partir de um produto técnico de pesquisa no Mestrado Profissional em Saúde e Desenvolvimento Humano sobre o tema qualidade de vida e perfil socioeconômico de cinquenta catadores/as da região metropolitana de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). O objetivo do registro fotográfico foi valorizar o/a profissional catador/a por meio de imagens que representavam a sua jornada de trabalho. Trabalhar em meio ao 'lixo' parece, ao primeiro olhar, um ambiente em que a alegria e o riso não condizem. Quando nos deparamos com trabalhadores que se divertem enquanto lidam com uma matéria prima como os resíduos, pode haver certo estranhamento. Nesse sentido, perguntamos qual seria a sensação dos protagonistas ao verem a si mesmos sorrindo e se divertindo? Qual a reação das pessoas que desconhecem o trabalho dos catadores? Haveria mesmo estranhamento? Foram esses questionamentos que nos impulsionaram a construir a exposição fotográfica "Recicladores de Histórias, Catadores de Sorrisos" ocorrida na sala de reuniões da Biblioteca do Centro Universitário La Salle no período de 22 de novembro a 08 de dezembro de 2015.

O objetivo deste artigo é compartilhar a experiência da realização de uma exposição fotográfica realizada com catadores/as de resíduos sólidos pós consumo da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS.

A população em geral não conhece o trabalho realizado pelos/as catadores/as e também não associa tal atividade como algo digno, que gere renda e possibilite qualidade de vida e inclusão social (MIURA, 2004). Muitas pessoas não se dão conta de que o trabalho realizado por eles/as se torna essencial para a saúde e para o meio ambiente, pois diminui o acúmulo de detritos na natureza e permite a reutilização dos materiais tornando-se novamente matéria prima para novas possibilidades de uso e por consequência, promove seu direito às condições dignas de trabalho e de vida, para além da perspectiva estrita da sobrevivência (DEMAJOROVIC e LIMA, 2013; PINHEL, 2013).

Catador/a Como Sujeito Invisível

O/A catador/a tem sua trajetória de trabalho relatada desde a Idade Média como "catadores de trapos", restos de materiais que encontrava nas ruas e vendia para sua sobrevivência (GAGNEBIN, 2009). Já nas últimas décadas, a partir dos anos 1960, eram conhecidos/as como "sucateiros/as" ou até mesmo "garrafeiros/as", presentes nos bairros e vilas das cidades (PINHEL, 2013). Com o crescimento da urbanização, pessoas iniciaram o processo de "catação" nas ruas para venda de papel e outros materiais descartados pela população. O produto descartável, como o plástico, que tem vida curta no ciclo de consumo capitalista, tornou-se um dos maiores problemas ambientais urbanos e, conseqüentemente, um dos mais importantes produtos de venda para os/as catadores/as (DEMAJOROVIC e LIMA, 2013).

O movimento de organização e formalização do/a profissional catador/a teve início nos anos 80 com o Movimento Comunidade dos Sofredores de Rua, um evento realizado na cidade de São Paulo que convidou as primeiras associações de catadores/as de papel e papelão, a COOPAMARE, primeira cooperativa de reciclagem do Brasil e catadores/as individuais. A partir da década de 1990, organizações não governamentais, instituições sociais, incubadoras e poder público iniciaram campanhas de inclusão social e econômica de catadores/as. A coleta seletiva foi implantada em diversos municípios fazendo com que

catadores/as individuais pudessem formar associações e cooperativas para prestação de serviços (PINHEL, 2013).

O movimento pelo/a profissional catador/a teve início em Brasília a partir do I Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis realizado em 2001 (COSTA, 2008). Em 2002 os/as catadores/as tiveram sua profissão inserida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO94) e esta conquista apontava para o resgate da dignidade desses trabalhadores, inserindo-os no âmbito das políticas públicas. A Classificação Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2010) identifica pelo número 5192 os tipos de trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável, categorizando-os em três subdivisões: catador/a de material reciclável, selecionador/a de material reciclável e operador/a de prensa de material reciclável (BRASIL, 2010).

Com a profissão reconhecida, os/as catadores/as estão ocupando espaço nos fóruns, discussões e junto ao poder público. Porém, desvalorizada pela sociedade e associada muitas vezes à falta de interesse em buscar um trabalho formal ou pela exclusão devido a sua falta de escolaridade, o/a catador/a não é visto como profissional prestador/a de um serviço de grande importância ambiental (MIURA, 2004). Uma maneira do/a catador/a conseguir seu espaço de trabalho é a formação de cooperativas de reciclagem. Ações que eram individuais começaram a ser coletivas, pela comercialização em conjunto em um espaço que oferece infraestrutura de trabalho, segurança e reconhecimento em seus direitos trabalhistas (CARVALHO, 2008).

A invisibilidade em seu trabalho é sentida pelos/as catadores/as que, perceberam em sua maioria que, para a sociedade em geral seu trabalho é visto como pouco importante (SCHWENGBER, 2015b). Quando a sociedade começa a ver o ser humano pela óptica capitalista — do lucro —, e aqueles que não conseguem corresponder a essa concepção se encontram à margem do progresso e sem uma utilidade, temos uma sociedade com o processo de “coisificação do homem”, quando coloca valor em suas ações e não dá importância para o que ele desempenha, tornando esses sujeitos invisíveis (FREIRE, 2003).

Essa possível homogeneização da sociedade impacta cruelmente a aqueles/as que se encontram em espaços de vulnerabilidade social e impacta em sua singularidade enquanto sujeitos. Guattari (1986) defende a singularidade como um conceito existencial. Enquanto a identidade está relacionada ao reconhecimento, a singularidade articula todos os elementos quando definimos a identidade do indivíduo, isto é, como nos sentimos, nossos desejos, nossas atitudes em determinados contextos. Quando não reconhecemos a singularidade do outro, estamos falando em “invisibilidade social” (GUATTARI, 1986). O/a catador/a em meio ao lixo, ignorando suas singularidades, se transformam em parte dele e isso acaba tornando-os sujeitos invisíveis para a sociedade e muitas vezes para eles próprios.

Do galpão à exposição

Participaram da pesquisa quatro cooperativas de triagem de resíduos sólidos da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Todos os cooperados e cooperadas receberam o convite de participação e autorizaram o uso de sua imagem para fins da pesquisa de origem, livros, exposições e outras publicações derivadas daquela. Dos/as 89 catadores/as convidados, 50 participaram das sessões fotográficas. As imagens foram registradas no período de maio a julho de 2015 por um fotógrafo voluntário chamado

Pedro Tesch⁵.

As visitas para registrar o trabalho dos/as catadores/as foram agendadas diretamente com a coordenação do empreendimento por contato telefônico. Antes do início da atividade, todos/as se reuniram para um contato breve com o fotógrafo para esclarecer possíveis dúvidas, bem como para registrar que aceitavam voluntariamente participar da pesquisa e ceder os direitos sobre suas imagens e a divulgação dos seus nomes para o fim da pesquisa e da exposição por meio da assinatura do termo de uso de imagem.

A exposição foi realizada na Sala de Reuniões⁶ da Biblioteca do Centro Universitário La Salle Canoas entre os dias 24 de novembro a 08 de dezembro de 2015 e contou com a participação dos/as catadores/as no momento da abertura. A organização da exposição ocorreu com o apoio de professores do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle⁷ e do CNPq⁸.

Figura 1 - Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Égon Ferreira de Souza (Designer)

Para a socialização da exposição, criou-se o cartaz de divulgação (Figura 1). Como ilustração, utilizou-se a fotografia da catadora Isabel que se encontra em meio a matéria-prima de seu trabalho. Nesta

⁵ Nosso agradecimento em especial ao fotógrafo Pedro Tesch, que participou do projeto de forma voluntária registrando o trabalho dos catadores com sensibilidade e profissionalismo.

⁶ Sala de Reuniões da Biblioteca é o nome dado a um espaço privilegiado na parte frontal no novo prédio da Biblioteca do Centro Universitário La Salle Canoas. Inicialmente, a exposição estava prevista para ocorrer no 10º andar do Prédio 15 do Unilasalle, mas por questões internas a instituição ofereceu a Sala de Reuniões no prédio da Biblioteca.

⁷ Equipe técnica: Daiana Schwengber – coordenadora; Pedro Tesch – fotografias; Design – Égon Ferreira de Souza. Equipe de Apoio: Jäder da Cruz Cardoso; Maria de Lourdes Borges; Delmar Bizani. Montagem: Lucas Graeff e Cleusa Maria Gomes Graebin.

⁸ Projeto de pesquisa: Incubadoras de Economia Solidária do UNILASALLE/Canoas.

imagem a presença da catadora em meio ao resíduo se torna quase que imperceptível.

Imagens e depoimentos desta exposição

Quando iniciamos essa proposta de registrar a jornada de trabalho dos profissionais catadores, precisávamos de alguém que dominasse as lentes e que daria vida às imagens e credibilidade ao projeto para que os cooperados soubessem que as imagens ilustrariam a sua melhor forma de trabalhar: com alegria, bem-estar e dignidade.

Do fotógrafo

Durante as visitas aos empreendimentos, foram registradas mais de 500 imagens. A seleção foi realizada, primeiramente, pelo fotógrafo e pela primeira autora os quais selecionaram 95 imagens. Logo após, o restante da equipe do projeto realizou uma nova etapa de seleção chegando ao número de dezesseis imagens que foram fixadas em oito expositores de vidro, equipamento do Museu Histórico La Salle. Ao final das atividades, o voluntário deixou um depoimento em relação ao convite e à experiência de trabalho:

Quando fui convidado para participar deste projeto, senti que estava apto a fotografar a ideia. Talvez pela simplicidade do material, não sei. Pareceu-me fácil a partir de todos os trabalhos que eu já havia realizado. Mas quando realmente fomos às cooperativas, vi que eram muito mais do que simples catadores, eram profissionais que, mesmo muitas vezes não lembrados pela sociedade, estavam sorrindo por ter a oportunidade em estar trabalhando e ali, adquirindo seu sustento. A partir da câmera, descobri que eu também era aquele que não dava o devido valor ao catador e fiquei emocionalmente surpreendido. Eis que a cada local que íamos, a fotografia fazia com que eles se sentissem bem, felizes e me recebiam com sorrisos nos lábios, eram vistos e valorizados. Até porque, eles devem ser vistos, e a partir de agora serão” (Pedro Tesch, fotógrafo voluntário).

Imagem1 - Fotógrafo Pedro Tesch registrando a jornada de trabalho dos catadores



Fonte: Fotografia de Jáder da Cruz Cardoso.

O depoimento de Pedro é muito semelhante ao de várias pessoas que não conhecem o trabalho realizado pelos catadores. Miura (2004) traz uma reflexão sobre a falta de visibilidade do/a profissional catador/a na sociedade. O/A catador/a de material reciclável ainda é uma profissão considerada socialmente excludente por estar acompanhada de rótulos negativos, preconceito e estigmas sociais. Outro fato que pode estar relacionado a esta invisibilidade é que a matéria prima de seu trabalho – o lixo – é descartado, rejeitado e sujo.

Dos/as catadores/as

Todo o produto que entra em nossa casa gera resíduo que descartamos quando não sentimos mais a necessidade de seu uso. A partir dessa prática de consumo, utilização e descarte, é raro pararmos para pensar para onde vai o nosso resíduo sólido? No Brasil, milhares de pessoas trabalham com os resíduos rejeitados que, quando dispostos de forma incorreta, poluem o ambiente. Esses profissionais obtêm, a partir da reciclagem, renda e inclusão social. O/A catador/a é agente colaborador/a para a preservação do planeta e indispensável no ciclo virtuoso da reciclagem. São pessoas que no seu dia a dia reciclam nossas histórias e constroem as suas com um sorriso no rosto, lutando pela valorização e reconhecimento do seu trabalho (SCHWENGBER et al, 2015a).

As imagens da exposição⁹ dão um exemplo para onde vão a parte dos que fazem a separação dos resíduos de milhares de pessoas da região metropolitana de Porto Alegre. Os resíduos chegam ao galpão em que esses profissionais trabalham, onde diariamente os coletam, triam e tem nesses resíduos sólidos sua fonte de renda, bem como a certeza de um espaço de trabalho digno. Isso suscita alguns questionamentos: Por qual motivo escolheram esta profissão? Como se sentem trabalhando em um galpão de reciclagem?

Vera, que trabalha há doze anos em uma das cooperativas, relata a sua inserção e permanência no trabalho. Além da necessidade financeira inicial, o fator principal de sua trajetória na triagem foi a convivência. Martins (2000) coloca que esse fenômeno é caracterizado por um processo de sociabilidade, mediado pela presença de um significado compartilhado em momentos de interação entre as pessoas de um determinado grupo. A sociabilidade, em outras palavras, também pode ser concebida como um processo ligado à solidariedade, a cooperação. Menegat (2009) ressalta que o espaço gerado pela solidariedade permite estabelecer uma relação com o outro, ter espaço e tempo para conhecer o outro e desta forma, a reconhecer-se.

“Minhas filhas me trouxeram para trabalhar aqui quando eu precisava. Me apeguei e já passei por tanta crise com o grupo. Eu gosto daqui. Às vezes eu não estou bem, tenho os meus problemas em casa, mas aqui eu fico melhor” (Vera, Canoas, RS).

⁹ As imagens da exposição compõem o livro “*Recicladores de histórias, catadores de sorrisos*” (SCHWENGBER et al, 2015). Algumas dessas imagens são apresentadas neste artigo.

Imagem 2 - Vera e Douglas dançam no galpão de reciclagem.



Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

As Imagens 3 e 4 ilustram a matéria prima do catador: o lixo. O lixo, segundo Miura (2004), representa para os/as catadores/as seu meio de vida, a condição para garantir sua sobrevivência, a sua integração no mercado de trabalho, sem deixar de ter a conotação negativa construída socialmente. Mensalmente, o lixo, que os/as catadores/as já relacionam com a nomenclatura atualmente aceita como “resíduos sólidos”, é o insumo do seu trabalho e, conseqüentemente, a sua renda mensal. Porém, para a sociedade, o “lixo” é aquilo que é jogado fora, que gera asco, discriminação e preconceito (MIURA, 2004).

“Eu juntava em casa e vendia sozinha. Faz um ano que estou na cooperativa. Aqui eu me divirto e é muito melhor de trabalhar” (Benedita, São Leopoldo, RS).

Imagem 3 - Benedita na esteira (esquerda)



Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

Imagem 4 - Solenara descansa durante o intervalo sobre o fardo de papelão



Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

Sidnei (Imagem 5) relata como foi a sua inserção na cooperativa, onde ele reconhece o trabalho realizado pelos catadores.

Vi uma reportagem da cooperativa no jornal e quis fazer parte deste desafio. Trabalhar com a reciclagem me possibilitou ver o mundo diferente. O trabalho que realizamos é essencial. Ajudo tanto na administração e quando necessário, auxilio os colegas (Sidnei, São Leopoldo, RS).

Imagem 5 - Sidnei ajuda os colegas com o papelão



Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

Ao analisar o ponto de vista de Sidnei, lembramos Saffioti (1976), para o qual o trabalho é um resultado histórico de luta do ser humano. O trabalho está relacionado com a forma de vida do profissional, o labor se assemelha aos nossos ideais e ao que desejamos mudar, progredir e transformar.

Outra característica presente deste trabalho é a forma de participação dos/as catadores/as. Valdomiro (Imagem 6) trabalha há três anos na prensa de uma cooperativa. Para o catador, trabalhar nos prin-

cípios do cooperativismo é melhor do que nas empresas que trabalhara anteriormente. Sarti (1996) coloca que o trabalho é concebido muito mais que um instrumento de sobrevivência material, ele constitui com o substrato da identidade, condição que proporciona a autonomia, a afirmação, a imagem positiva de si e a escrita social do ser humano.

Antes trabalhava na indústria, mas trabalhar na cooperativa é bem melhor. Aqui fiz amizades e tenho renda (Valdomiro, Novo Hamburgo, RS).

Imagem 6 - Valdomiro trabalha na prensa



Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

A catadora Rosane (Imagem 7) trabalha na cooperativa há sete anos. Apesar de sua expressão ‘fechada’, gosta de seu trabalho e o realiza na parte externa do galpão, fazendo a primeira triagem antes de enviar os resíduos para a esteira, onde estão os outros cooperados. Heloani (2003) reflete que, como passamos a maior parte do tempo no trabalho, as relações pessoais fora de casa devem ter um valor afetivo de extrema importância. Fazer um equilíbrio da relação trabalho-família proporciona um alívio na jornada diária de atividades e nos coloca em grupo. Precisamos estar em grupos, sermos aceitos em espaços e realizar trocas de experiências para nos sentirmos mais felizes (HELOANI, 2003). Muitos/as catadores/as trabalhavam de forma individual, nas ruas e sem um espaço de socialização. Trabalhar de forma colaborativa, muitas vezes se torna a solução coletiva para os problemas individuais (BAUMAN, 2003).

Adoro o que eu faço! Me sinto muito bem aqui! Faz 7 anos que estou aqui. Não saio! Somos uma família (Rosane, Esteio, RS).

Imagem 7 - Rosana puxando os bags para separação

Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

Vanessa (Imagem 8) reconhece que o trabalho realizado pelos/as catadores/as auxilia no cuidado com o meio ambiente e isso lhe traz orgulho. Moscovici (2005), quando traz o conceito das representações sociais, entende que as pessoas e os grupos constroem, assimilam e utilizam um determinado saber de acordo com suas percepções. Para ele, a representação social é formada a partir da epistemologia popular, com base no senso comum, que reelabora e cria imagens referentes aos conhecimentos da vida cotidiana, ao atribuir-lhes um sentido, que nem sempre se apresenta como verdadeiro na sociedade. Quando os/as catadores/as compreendem que seu trabalho é importante para o ambiente, ressignificam sua profissão e se distanciam de sua matéria prima, o lixo.

Amo o meu trabalho! Ele é importante tanto para diminuir a poluição (Vanessa, Esteio, RS).

Imagem 8 - Vanessa trabalha na triagem

Fonte: Fotografia de Pedro Tesch.

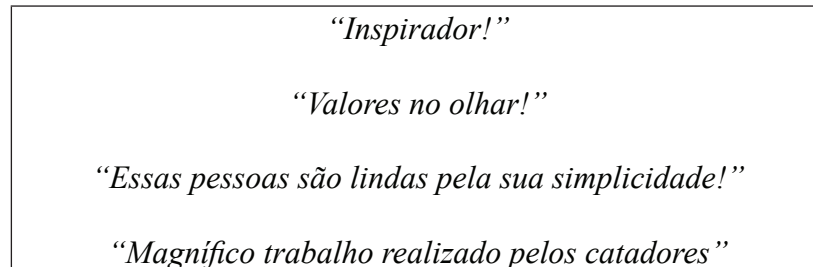
Trabalhar em uma cooperativa de reciclagem pode ser um trabalho salubre, colaborativo e motivador. Para Moscovici (2001), as representações sociais se apresentam sustentadas por um conhecimento popular, visto como privilégio de um grupo reduzido que impõe certeza aos demais e lhes retira o direito de avançar para um estágio mais elevado de conhecimento e atuação. Trata-se então, não de um fato, mas de uma percepção da sociedade que pode estar equivocada. Os/As catadores/as, em seus depoimentos e nas imagens que os ilustram, contrapõem a visão do senso comum de um espaço de trabalho precário, triste e sem vida.

Dos visitantes da exposição

Entre os visitantes estavam alunos do ensino fundamental e médio de dois colégios privados; alunos de quatorze cursos de graduação de três universidades; dois mestrados de uma universidade; duas incubadoras de empreendimentos solidários da Região Metropolitana de Porto Alegre; gestores públicos; professores universitários e os/as catadores/as participantes. Ao saírem da exposição, os visitantes eram convidados a deixar um breve registro da percepção do trabalho realizado pelos catadores e pelas catadoras.

Entre os pareceres registrados, alguns tiveram destaque:

Figura 2 - Pareceres de visitantes da exposição



Fonte: Lista de presença com pareceres dos visitantes da exposição.

Percebe-se que a exposição ‘tocou’ de alguma forma aqueles que por ela passaram. E, principalmente, foi importante para seus protagonistas, quando puderam reconhecer-se nas imagens que embelezaram a galeria. O registro realizado pelos visitantes foi entregue para as cooperativas participantes para que todos tivessem acesso ao retorno da mostra. Para Miura (2004) ser catador/a é sentido como fonte de dignidade e modo legítimo de obter renda para estes profissionais que atuam nos galpões de triagem. Porém, é a sociedade em geral que não consegue reconhecer o seu trabalho. Os/As catadores/as merecem um olhar diferenciado de estímulo e motivação, pois realizam um trabalho virtuoso para toda a sociedade. Além disso, esses profissionais ainda se encontram expostos a riscos à saúde, preconceitos sociais e a desregulamentação dos direitos trabalhistas, condições que são extremamente precárias tanto na informalidade de trabalho quanto na remuneração, devido a falta de visibilidade e compreensão daqueles que necessitam diariamente do seu trabalho (SCHWENGBER, 2015b).

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi o de compartilhar a experiência da realização de uma exposição fotográfica realizada com catadores/as de resíduos sólidos da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. A exposição “Recicladores de histórias, catadores de sorrisos” teve como objetivo valorizar o/a profissional catador/a através de imagens que representavam a sua jornada de trabalho. Ao seu final, pode-se observar que ela possibilitou uma outra forma de olhar para o trabalho realizado pelos/as catadores/as para seus visitantes. Há evidências que aqueles que tiveram a oportunidade de visitar o espaço da exposição saíram satisfeitos e deixaram relatos de apoio e motivação.

Para os/as catadores/as, participar de uma exposição fotográfica enxergando-se e sendo protagonistas de um momento de valorização do trabalho que desenvolvem foi um momento único, em que se sentiram dignos, por meio do reconhecimento social de seu trabalho e da sua singularidade enquanto pessoa. Um trabalho em que pessoas reais labutam, batalham, se esforçam, discutem, choram, se ajudam e sorriem.

Todos/as os/as participantes receberam sua fotografia e o livro com as imagens e perfil socioeconômico¹⁰ das cooperativas para compartilharem com seus amigos e familiares. A partir da exposição, os/as catadores/as participaram de palestras e eventos nos quais puderam relatar sua trajetória de trabalho, podendo tornar-se visíveis e valorizados em vários espaços¹¹ que anteriormente não ocupavam.

Com o sucesso da exposição e com a aprovação dos/as catadores/as, a exposição “Recicladores de histórias, catadores de sorrisos” foi apresentada no Fórum Social Mundial Temático de Porto Alegre 2016, Semana do Meio Ambiente de Esteio 2016, empresas e diversos espaços formais e não formais de educação, se consolidando a cada novo espaço. Desde então, a estratégia de divulgar e valorizar o trabalho dos catadores não tem mais data nem local definido. Ocorrerá em qualquer lugar onde seja necessário mostrar que a alegria e a característica do trabalho desses profissionais não são elementos contraditórios. Estranho, mesmo é uma sociedade de consumo não perceber, respeitar e valorizar o trabalho dos catadores.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO**. Brasília: MTE, SPPE, 2010b.
- CARVALHO, A. M. R.. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis - COOCASSIS: espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008.
- COSTA, Cláudia Moraes da. **Reciclagem e cidadania: a trajetória de vida dos catadores de material reciclável da comunidade Reciclo**. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- DEMAJOROVICK, Jacques. LIMA, Márcia. **Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores**. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

¹⁰ As fotos que participaram da exposição, compuseram o livro “Recicladores de histórias, catadores de sorrisos” juntamente com um breve histórico do profissional catador, uma apresentação e perfil socioeconômico de cada cooperativa participante.

¹¹ Por exemplo, os/as catadores/as participaram de palestras e exposição de seu trabalho no Fórum Social Mundial Temático 2016, Centro de Convivência de Moradores de Rua de Porto Alegre, escolas municipais e estaduais de Canoas e Esteio /RS.

- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HELOANI, José R. e CAPITÃO, Cláudio G. **Saúde Mental e Psicologia do Trabalho**. In: [São Paulo em Perspectiva](#), v.17, n.2, p.102-108, 2003.
- MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história da modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2000.
- MENEGAT, Alzira Salete. **No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia: as contradições entre os projetos do Estado e dos assentados no assentamento Taquaral - MS**. Dourados: Editora da UEMS/UFMGD, 2009.
- MIURA, P. C. O. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial**. Dissertação (Mestrado) -Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas à representação social: elementos para uma História**. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PINHEL, Julio Ruffin. **Do Lixo a Cidadania: Guia para Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.
- SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976
- SARTI, Cynthia Andersen. **A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SCHWENGBER, Daiana et al. **Recicladores de histórias, catadores de sorrisos**. Porto Alegre: CirKula, 2015a.
- SCHWENGBER, Daiana. **Qualidade de vida e perfil socioeconômico de profissionais catadores de quatro cooperativas de resíduos sólidos da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil**. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde e Desenvolvimento Humano) - Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015b.
- Agradecimentos: Ao Fotógrafo Pedro Tesch, ao CNPq, ao Unilasalle, às cooperativas Coopcamate, Cootre, Cooperfeitoria e Coolabore Centro e, especialmente, aos/às catadores/as que se dispuseram solidariamente a participarem desse projeto.

Recebido em 24/10/2016.

Aceito em 15/08/2017.